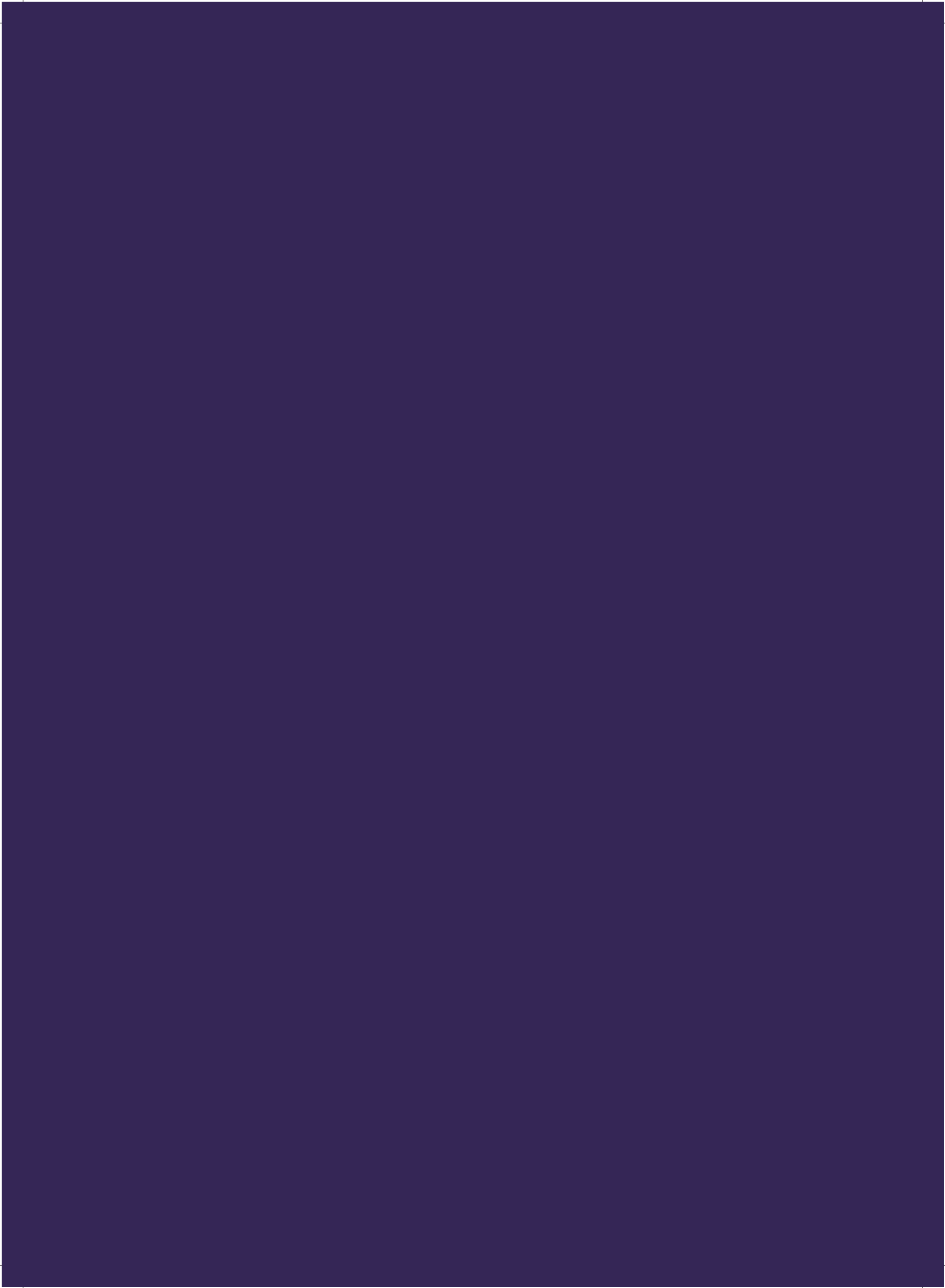


ANCESTRALIDADES

OVIMBUNDU



CYNTIA SIMIONI FRANÇA
ANTÔNIO GILDO M. ADRIANO
MÂRCIO JOSÉ PEREIRA





ANCESTRALIDADES

OVIMBUNDU

Ficha técnica

Arte & Ilustração

João Paulo Martins Nogueira
Vitor Hugo da Cruz Silva

Coordenação e Revisão

António Gildo M. Adriano
Carolina Oliva Rodrigues
Cyntia Simioni França
Gabriel Henrique de Souza
Márcio José Pereira

Diagramação

Pedro Ducatti Guedes

Fonte Oral

António Gildo M. Adriano

Roteiro

Anderson Luiz Dias Domingos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F815

França, Cyntia Simioni.
Ancestralidades ovimbundu / Cyntia Simioni França,
António Gildo M. Adriano e Márcio José Pereira. - 1. ed.- Campos Mourão: MC&G, 2025.
44 p.: il. 23 cm.

ISBN 978-65-6115-070-5

1. Antropologia cultural - Angola - História em quadrinhos. 2. Mbundu (Povo africano) - História. 3. Angola - História. I. Adriano, António Gildo M. II. Pereira, Márcio José. III. Título.

CDD23: 741.5

F-030426/5

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

Obra publicada com recursos da Capes, por meio do Auxílio nº 2251/2024, Processo nº 88881.979509/2024-01, Programa de Demanda Social – DS / Programa de Apoio à Pós-Graduação – PROAP. Proibida a comercialização.



Prólogo



Saudações, estimado (a) leitor (a). Esse prólogo é um diálogo com professores e estudantes da educação básica sobre uma História em Quadrinhos (HQ) produzida por uma equipe de estudantes de História, Pedagogia e Geografia, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), na cidade de Campo Mourão, bolsistas do programa Universidade Sem Fronteiras, financiado pelo governo do estado do Paraná. Essa produção foi pensada com o objetivo de apresentar um recorte da cultura e sociedade de uma comunidade “tradicional” de Angola, pois entendemos a importância da Lei 10.639/03 e 11.645/08, que, ao estabelecerem a obrigatoriedade do ensino das histórias africanas e indígenas nas instituições de ensino brasileiras, incentivam o debate e reflexão em sala de aula em prol de uma educação antirracista.



O projeto foi orientado pela professora Dra. Cyntia Simioni França e pelo professor de Dr. Márcio José Pereira, ambos do programa de Mestrado em História Pública da Unespar, sendo que a história a seguir tem como base as experiências vividas pelo professor mestre Gildo Adriano, do ISCED- Lubango, província de Huíla. Suas histórias foram adaptadas em formato de HQ, a fim de retratar sua infância e cultura de maneira sensível para públicos diversos. Gildo é um intelectual da etnia ovimbundu, um dos grupos de origem bantu, residindo atualmente em Angola, sendo o maior grupo étnico do país.

A história do Brasil é formada pela presença de culturas das mais variadas partes do mundo, porém, há três grandes núcleos culturais que banham nossa sociedade. Mencionamos de maneira abrangente, mas é preciso ressaltar que dentro desses três grupos há uma ampla diferença cultural, étnica, linguística, social, etc...

O primeiro núcleo são as culturas indígenas americanas, massacradas pelos ataques expansionistas dos europeus e que ainda precisam se proteger e lutar contra os preconceitos e violências, que destroem as possibilidades de manutenção do seu modo de vida tradicional, forçada pela realidade ocidental.

As culturas europeias impuseram seu modo de viver, pensar, produzir e consumir nas regiões que conquistaram, sem respeitar ou mesmo compreender de maneira empática as culturas que colonizaram, aproveitando do desentendimento sobre o “outro” para difundir suas demandas culturais e econômicas. As expansões europeias, em busca de lucro, por meio da exploração do trabalho de pessoas escravizadas e das riquezas naturais e culturais, não se limitaram apenas à América, foram para a Ásia e a África, criando as origens de uma conexão internacional de interesses em comum: ser um país “desenvolvido”. Esse objetivo seria quase impossível, levando em consideração que o “desenvolvimento” dos países europeus se deu pela imposição de desejos por meio da força, capaz de criar uma dependência política e econômica de países colonizados, mesmo libertos. Alcançar esse desenvolvimento só foi possível por meio da exploração de países vulneráveis economicamente. Sabendo disso, quem são os dependentes: os explorados, ou os exploradores?

As culturas africanas, sendo tão diversas quanto as europeias e americanas, sofrem até hoje com a exploração de países colonizadores. As relações entre Brasil e Angola são profundas com diálogos geracionais. A realidade brasileira, como entendemos hoje, é fruto da “tragédia” da colonização, que fixou os interesses políticos e econômicos da corte portuguesa e seus sucessores políticos. Um dos grandes problemas historicamente construído pelo sistema colonial, que os brasileiros enfrentam há séculos, resultados da imposição de culturas sobre as outras, é o racismo, que divide e define a sociedade brasileira entre quem pode e quem não pode, quem é e quem não é, ou e seja, serve de fio divisor entre os privilegiados e não privilegiados. Assim, desvalorizando, reprimindo e silenciando experiências e existências, com o propósito de perpetuar o domínio e exploração de “outro”, nos fazendo reféns das ideias e perspectivas de origem europeia, forçando a pensarem e agirem da mesma maneira, para cumprir com as demandas que pouco dialogam com

com o que se necessita socialmente, fazendo com que, por fim, milhões de pessoas percam o senso de pertencimento com sua cultura, mesmo na África, na América, na Ásia e na Oceania.

Dessa forma, não é incomum nos depararmos com lacunas do nosso conhecimento sobre os povos nativos americanos e principalmente, sobre as culturas africanas, ainda falam pouco sobre essas histórias e quando falam, na maioria das vezes, pela visão eurocêntrica. Porém, a luta das comunidades afrodescendentes e “indígenas” resultou em uma mudança significativa, mas que ainda precisa de tempo e engajamento para alcançar o seu objetivo de maneira concreta. Falo da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura indígena e afro-brasileira nas escolas. Agora, o ensino daquelas histórias silenciadas/apagadas consegue romper com a estrutura hierárquica de saberes, criada pelo colonialismo. Tais histórias não estão “ganhando” vozes, mas sendo *ouvidas*.

Assim, é importante entender essas relações históricas entre Europa, América e África. Quando os europeus invadiram outros continentes, exploraram e tentaram impor outra maneira de pensar (vinculado ao progresso econômico, “científico” e social, esse último, por muito tempo,



vinculado à pseudociência da eugenia, que antes tinha teor científico e justificou atos de violência em diversas regiões, até mesmo na Europa, como foi o Holocausto), viver (em cidades, ligados a dependência da compra e venda, trabalho assalariado, disputas políticas em grande escala, etc...) e ser “civilizado” (termo questionável que engloba as definições anteriores), que difere muito de como a maioria das comunidades africanas viviam até a colonização.

Os europeus, espalhando sua idealizada “civilização”, dividiram o continente África em territórios, desrespeitando as realidades e diferenças socioculturais dos povos nativos, seguindo os interesses próprios, criando inimigos e separando famílias. Vejam as fronteiras do continente africano, compare com as de outros continentes e entendam as consequências dessa divisão arbitrária em cada país. As independências desses países, muitas delas banhadas por pólvora e sangue, deixou lacunas de poder, disputadas por forças militares ligadas aos interesses de estados estrangeiros, dentro do contexto da Guerra Fria. Se ainda hoje há inúmeros conflitos armados no continente, é fruto do colonialismo e do imperialismo, e do descaso com o bem-estar social de milhões de africanos.

Mas quando falo *África*, que África você imagina? Dependendo da sua concepção sobre o continente, provavelmente esteja imaginando algo completamente diferente da realidade. Primeiro, podemos deixar claro que não há uma África, mas várias. Muitas culturas, com diversas origens, crenças, deuses, rituais, instrumentos musicais, histórias e estórias, cantigas, idiomas, receitas, remédios, brincadeiras, provérbios, conselhos... Uma história milenar intimamente conectada com a ancestralidade. Não há só diferença cultural no continente, pois até mesmo dentro dos países nos deparamos com uma vasta diversidade étnica, como é o caso dessa história, que retrata um recorte de uma comunidade ovimbundu de Angola.

O que queremos destacar nessa HQ é a relação da ancestralidade com o indivíduo, reforçada por meio da tradição oral. Os mais jovens são educados pelos anciãos que transmitem seus saberes por meio da fala, histórias, provérbios, cantigas, entrelaçadas, não só com o mundo material, mas com o sensível/espiritual. A

fogueira e as sombras das árvores, nesse sentido, são as escolas das comunidades ovimbundu e a ancestralidade é transmitida a partir da fala, sendo referência e inspiração para as futuras gerações. Porém, como continuar as tradições socioculturais, se a imposição da civilização nos moldes europeus, troca muitas vezes, o campo pela agilidade e ansiedade do progresso das cidades? Como se conectar com nossos ancestrais, se estamos tão focados no futuro material e globalizado? Como aprender com os anciãos se ficamos preocupados em construir um futuro cada vez mais distante do passado e do presente?

Não há conhecimentos piores ou melhores, só maneiras de pensar e viver que fazem sentido para cada grupo. Os europeus, quando encontraram povos de culturas diferentes, com outras formas de entender o mundo e viver, tiveram dificuldade de compreender essas diferenças e consideraram que esses eram menos “racionais” e incapazes de produzir conhecimentos. Eles pensavam (e muitos ainda pensam) que essas culturas são “incivilizadas”. Porém, o entendimento sobre o que é ser racional, o que é conhecimento e como produzi-lo, além do que é ser “civilizado”, se manifesta de maneiras diferentes do entendimento do europeu.



Mesmo não produzindo *ciência* numa concepção universal ocidental, os nativos americanos e africanos foram e são sujeitos produtores de conhecimentos, construindo grandes obras, entendendo a natureza e seu comportamento de maneiras extraordinárias, criando filosofias, remédios, cálculos e organizações sociais singulares, causando surpresa naqueles que duvidam da capacidade de povos não-europeus. Por vezes, os europeus ocidentais “racionais” preferem criar falsos discursos, fazendo acreditar que foram os alienígenas que construíram os engenhosos monumentos no continente África ou América, ao invés de aceitar a potencialidade humana não-branca.

Assim outras perguntas surgem: como seremos brasileiros/angolanos se negarmos nossas origens, riquezas, paisagens, para servir as tendências e ambições dos países ocidentais? Que tipo de sociedade estamos construindo, se deixarmos de entender nosso passado e quem somos? Essa realidade imposta na nossa sociedade faz sentido com a realidade que vivemos?

Considerando esse contexto histórico, cabe falarmos agora sobre os povos ovimbundu:

Em 1975 os angolanos conquistaram sua “independência” e logo depois, iEm 1975 os angolanos conquistaram sua “independência” e logo depois, influenciados por potências estrangeiras, iniciaram uma guerra civil. É neste contexto de disputa de poder que se passa nossa história, mais especificamente, no município de *Kakonda*, localizado na província de *Huíla*, uma das vinte e uma províncias do país. Os anciãos contam que *Kakonda* foi fundada em 1617, por um escravizado foragido de Luanda, que se fixou nas terras do antigo reino dos Ovimbundu, um dos subgrupos do tronco étnico-linguístico Ubuntu, ligados pela mesma ancestralidade.

Esse povo distribuiu suas atividades segundo o gênero: as mulheres trabalham com a pesca e o artesanato, enquanto que os homens têm na agricultura, no pastoril e na caça sua principal atividade, comercializando as produções, sobretudo a longa distância. Na agricultura, praticavam o cultivo de cereais como o sorgo, milho, entre outros, o que os levaram a uma organização de vida sedentária, ao ponto que a caça é praticada em épocas específicas, após as colheitas e em ritos de passagem.

Vocês não imaginam quantos ritos culturais esse subgrupo possui dentro da sua cultura. Destacamos notadamente, entre eles, os ritos de passagem, como: o *Pyta pondjo* (literalmente “passa para fora de casa”) para o nascimento de bebê até a sua saída fora de casa; *ekwendje* (a circuncisão) que marca a passagem para a vida adulta, sendo a principal festa da puberdade; *olohwela* (casamento) comprometimento comprometimento social com alguém e a constituição familiar;

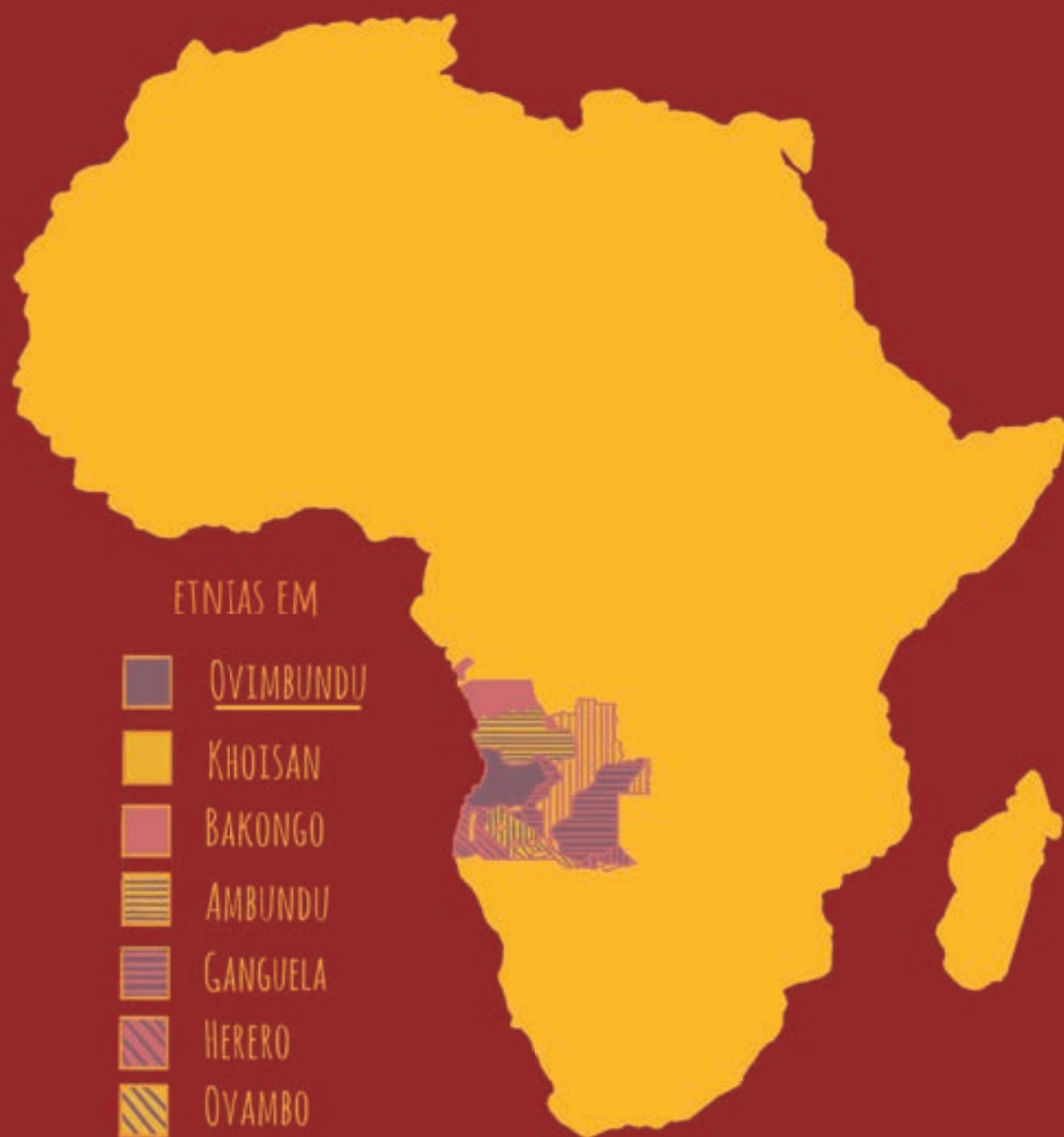
além do *olofa* (os ritos de morte) carregado de símbolos, como a morte, luto e passagem do luto.

Esta HQ é um recorte da cultura ovimbundu. Seria impossível abordar toda sua complexidade nessa edição. Nosso foco é partilhar a importância da ancestralidade no desenvolvimento de uma criança que conhecia pouco de sua cultura, aprendendo com os anciãos e sentindo-se, assim, acolhido em uma comunidade que lhe possibilitou o sentimento de pertencimento. Vamos conhecer essa história?



Convido vocês para conhecer os povos Ovimbundu!

Vamos embarcar nessa história?



ETNIAS EM

-  OVIMBUNDU
-  KHOISAN
-  BAKONGO
-  AMBUNDU
-  GANGUELA
-  HERERO
-  OVAMBO
-  XINDONGA
-  COKWE
-  NYANEK

O Despertar e a Viagem





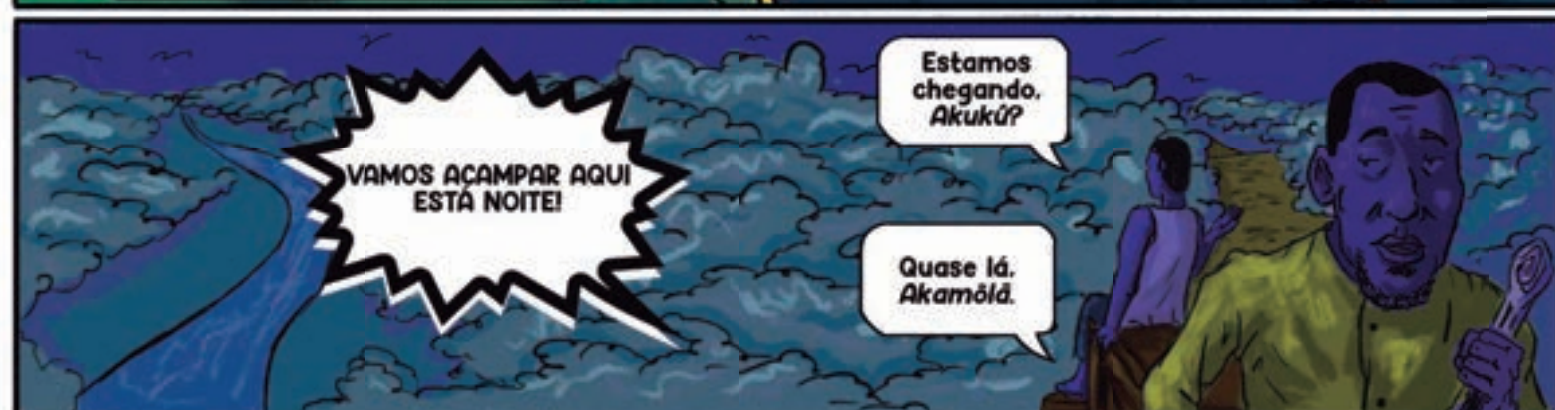


Meu avô era um sábio de etnia ovimbundu. Nasceu e cresceu em uma comunidade perto da cidade de Kakonda, na província de Huila...



Viajamos nos caminhões que transportavam alimentos para aldeias e cidades. Por causa da guerra civil, certos trechos eram escoltados por militares.

O caminho era longo, com muitas paisagens.



Akukû = Avô/Avó
Akamôlä = Filho/criança

Vocês aí,
estão vindo
de onde?

Meu *kanekulo* não
está passando bem.
A medicina da cidade não
soube explicar, vamos buscar
ajuda na *kimbo*.

Desejo saúde.
Eu estou em busca
de um lugar melhor,
longe dos conflitos.

Depois de tantos conflitos
é difícil viver em paz.
Vivemos em uma cultura
de guerra.

Como já diz um antigo
provérbio:
*Quando dois elefantes
brigam quem sofre é o
capim!*
Veja bem...

Toca uma música aí
pra gente...

Mas vamos falar de
coisa boa?!

Kimbo = Vila
Kanekulo = Variação de Neto



HUMBI-HUMBI YANGE
(MEU HUMBI-HUMBI)
YELELA, TWENDE
(VOA, VOA, VAMOS EMBORA)
KAKELE KACIMBAMBA
(COITADA DA KACIMBAMBA*)
OSALA POSI
(QUE NÃO SAI DO CHÃO)

**E VOCÊ GAROTO,
CONHECE A MÚSICA
HUMBI-HUMBI YANGE*?**

Do que ele está falando, akukû?

Humbi-Humbi é um pássaro muito comum aqui no interior. Meu akukû disse que ele anuncia a chegada do sol e traz notícias boas, voando sempre em bando e em harmonia, querendo ir cada vez mais alto, contemplando a natureza.



VAKUENE VAYELELA
(OS OUTROS ESTÃO A VOAR)
YELELA, TWENDE
(VOA TU TAMBÉM)
KAKELE KACIMBAMBA
(COITADA DA KACIMBAMBA)
OSALA POSI
(QUE NÃO SAI DO CHÃO)

HUMBI-HUMBI YANGE
YELELA, TWENDE
KAKELE KACIMBAMBA
OSALA POSI



VAKUENE VAYELELA
YELELA, TWENDE
KAKELE KACIMBAMBA
OSALA POSI

Yange = Meu
Obs = Kacimbamba é uma ave
que não voa

Deixamos o grupo e
começamos a caminhar.

Até mais..
Espero que faça
uma boa viagem.

Obrigado pela música,
nos divertimos muito!

Eu quem
agradeço
pela companhia!
Espero vê-los
em breve.

E assim começou a segunda parte da viagem.

Caminhamos até o turvo virar dia...

Até o dia virar tarde...

Até a tarde virar noite.

Ao chegarmos a
comunidade próxima
à cidade de Konda...

Na província de Huila a
única pessoa de pé era a
minha akukû, que nos
esperava na entrada
principal.



O cotidiano



Logo que chegamos o ancião da nossa vila foi nos visitar. Eu não o compreendia muito, pois ele falava o idioma umbundu (língua local). Assim meus avós foram os tradutores.

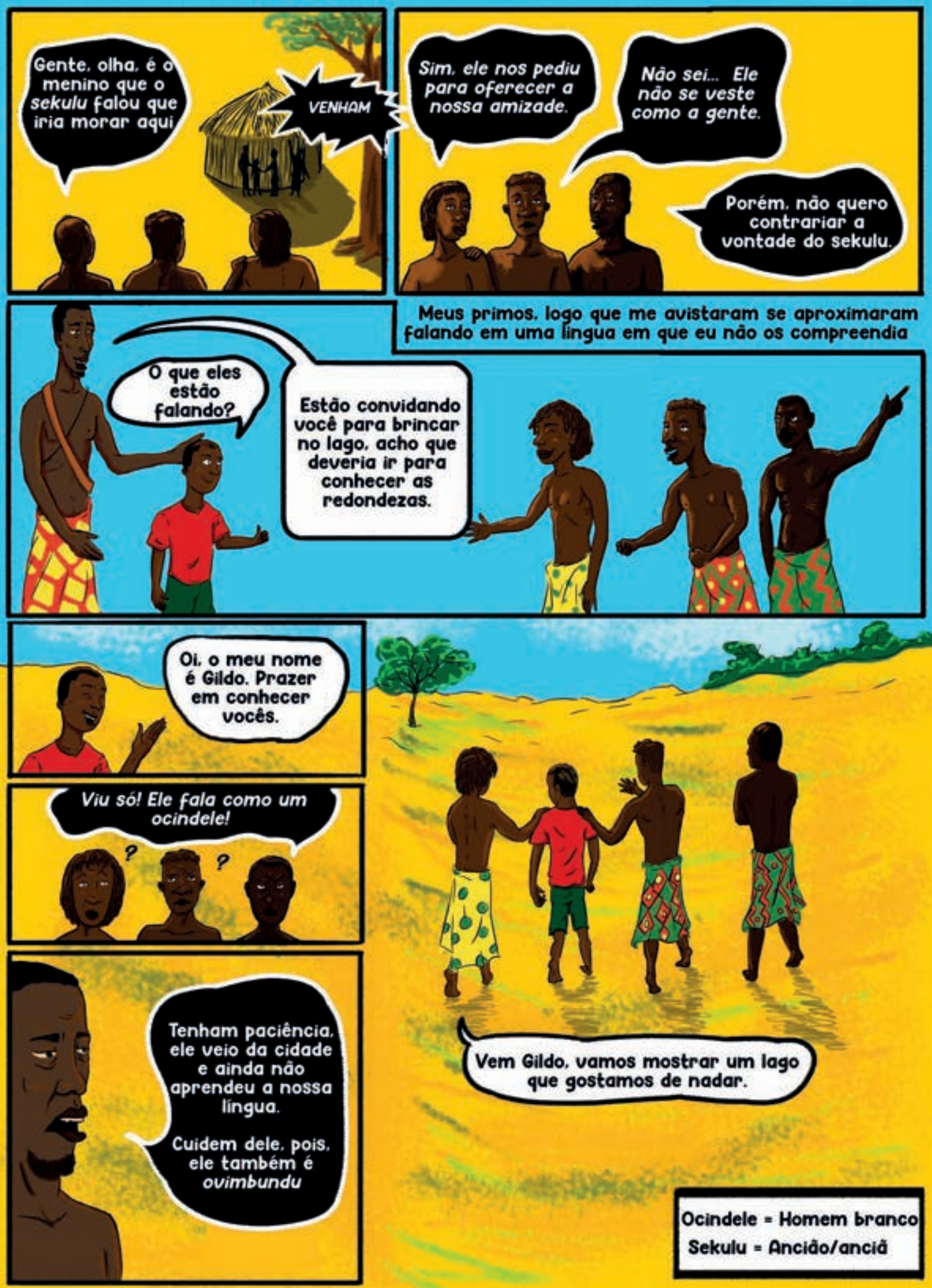
SEJA BEM VINDA, CRIANÇA ...



Presta atenção, Gildo, pois as palavras do ancião são muito preciosas. Seu akukû vai traduzir para você.

Seja bem vinda, criança. A sua presença aqui é um presente para nossa comunidade. Seu avô já me falou sobre suas dores. Quando estiver preparado procure o curandeiro, ele vai te ajudar.









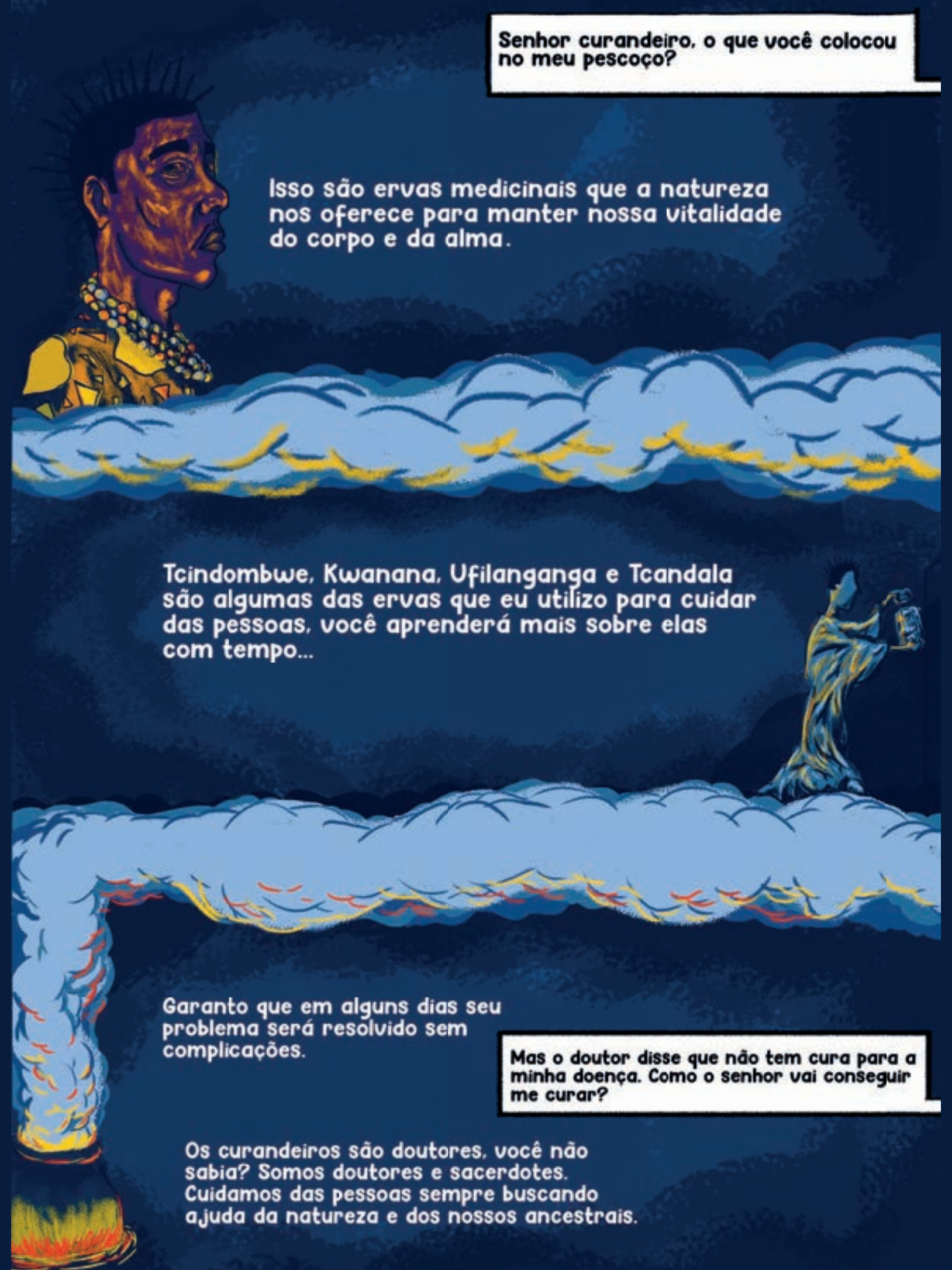




Bom dia criança!
Se lembra de
alguma coisa?
Como se sente?

Eu sou o curandeiro
dessa comunidade.
Procure não se
esforçar muito, pois
ainda está se
recuperando.
Você chegou
desarcodado até
aqui, então preparei
algumas ervas.

Uurg...
Onde estou?
Quem é você?



Senhor curandeiro, o que você colocou no meu pescoço?

Isso são ervas medicinais que a natureza nos oferece para manter nossa vitalidade do corpo e da alma.

Tcindombwe, Kwanana, Ufilanganga e Tcandala são algumas das ervas que eu utilizo para cuidar das pessoas, você aprenderá mais sobre elas com tempo...

Garanto que em alguns dias seu problema será resolvido sem complicações.

Mas o doutor disse que não tem cura para a minha doença. Como o senhor vai conseguir me curar?

Os curandeiros são doutores, você não sabia? Somos doutores e sacerdotes. Cuidamos das pessoas sempre buscando ajuda da natureza e dos nossos ancestrais.

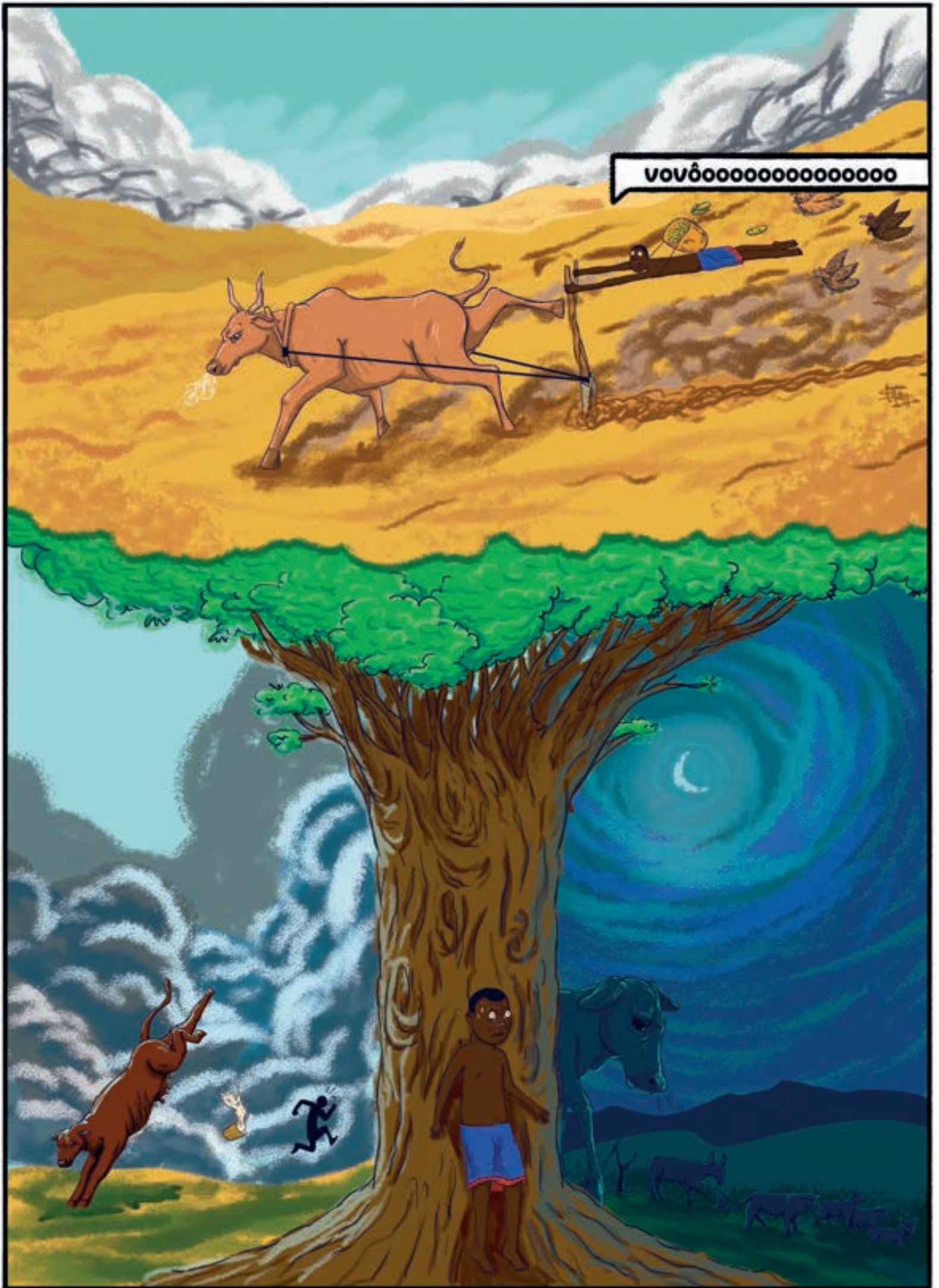


Será que eu vou
ficar bem logo?

Acredito que
sim, ele é
responsável
pelos
cuidados
físicos e
espirituais da
nossa
comunidade.



E assim, logo após eu sair
do curandeiro, eu e meu
avô começamos as
atividades diárias. Ele me
mostrou a rotina no
campo, como o pastoreio,
ordenha, arado e o
cuidado com os animais.
Eu tinha certo medo de
alguns, principalmente as
galinhas...



As coisas sempre mudam.



E nós também mudamos...



**desde que
cheguei à
casa dos
meus avós...**



**comecei a perceber
minhas ancestralidades.**



MAPA ÉTNICO

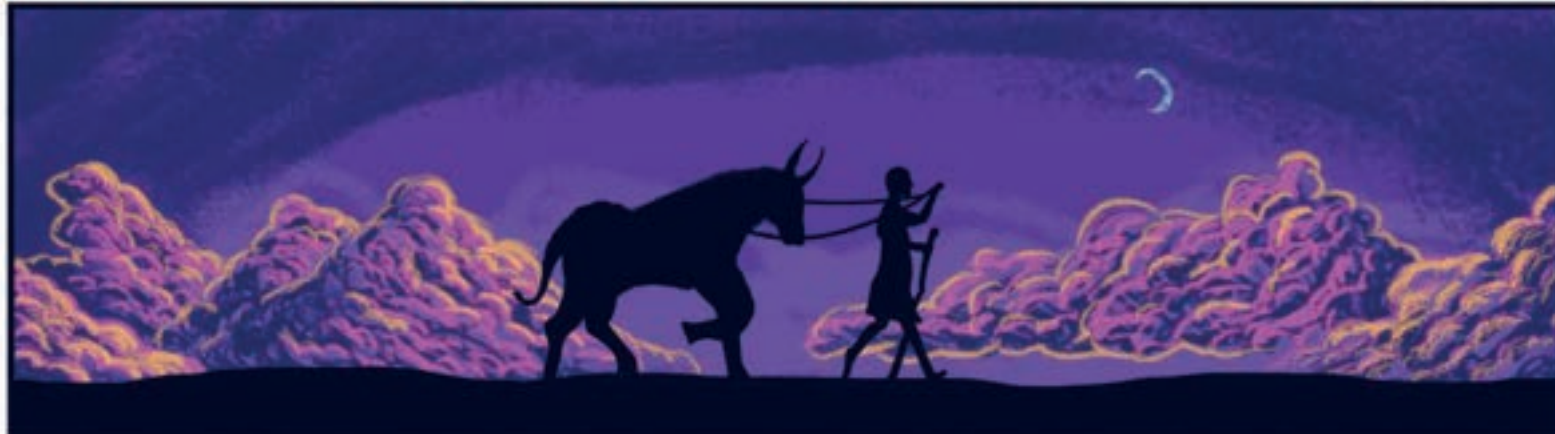




Como recompensa
pelos seus
esforços eu lhe
dou um amigo
para acompanhar
sua jornada.

É pequeno e
novo, assim
como você.
akamolâ,
crescerá e
aprenderá
ao seu lado.

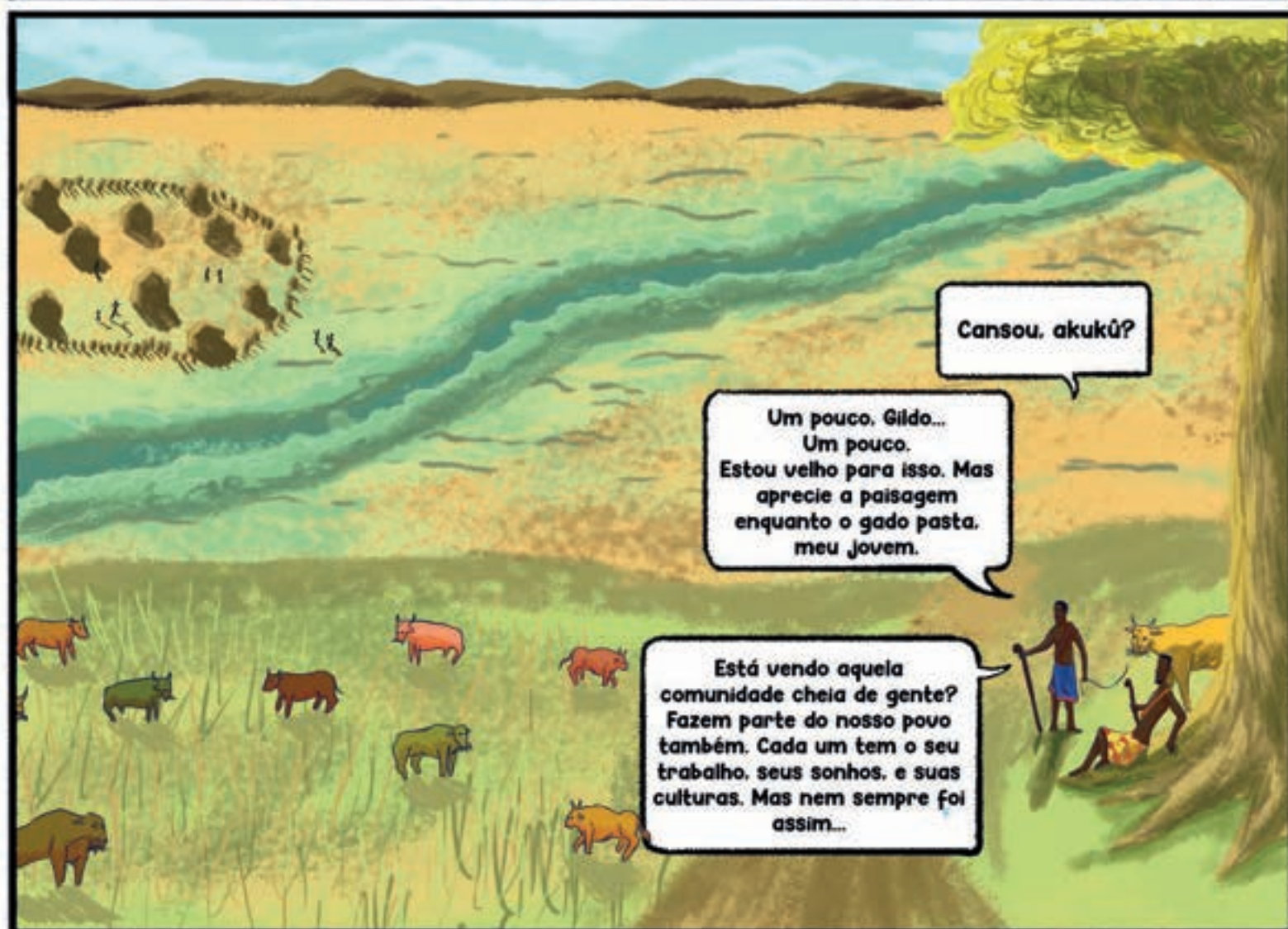
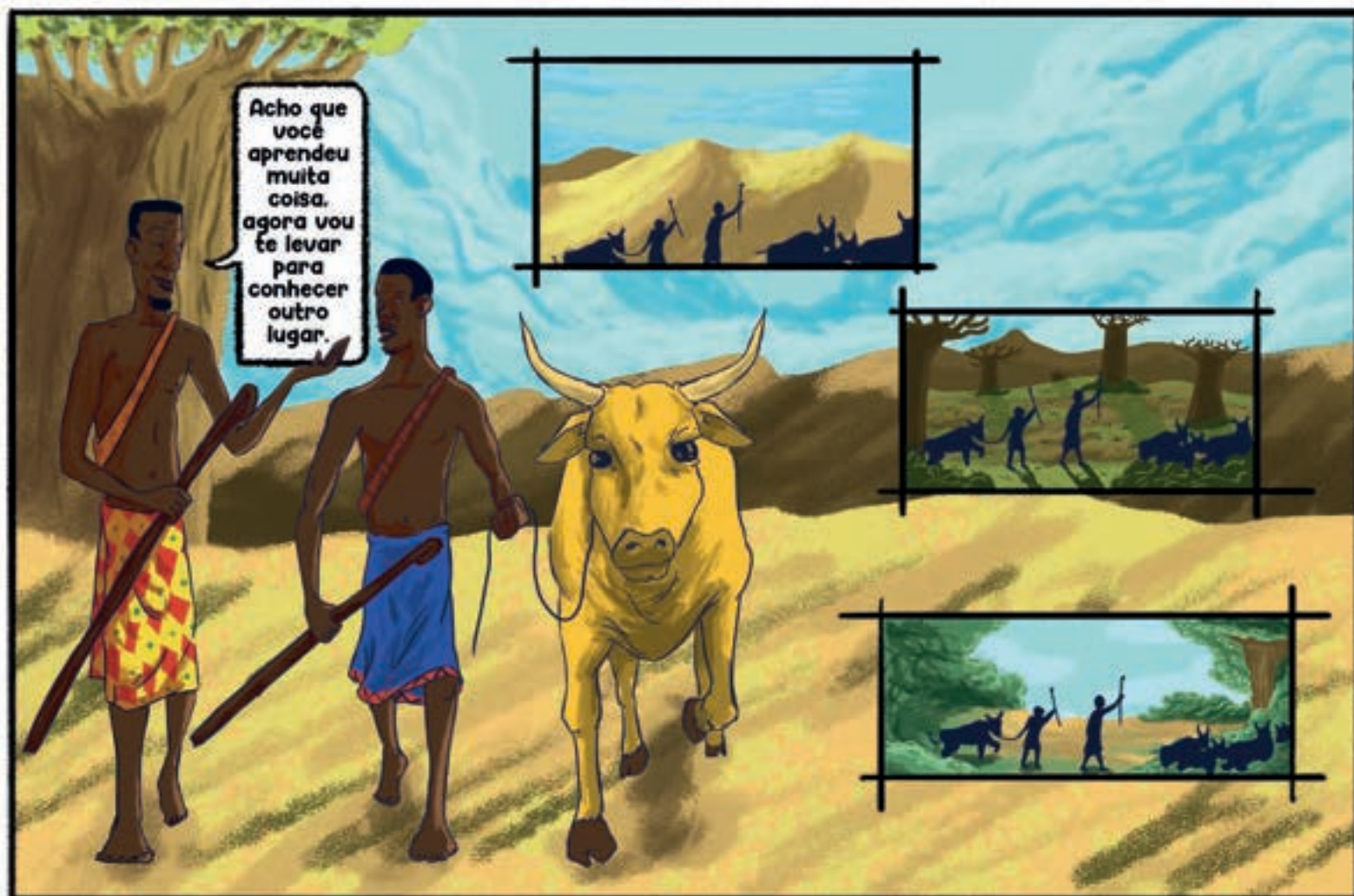
Muuuuuuuh!



A caminhada







MAS NEM SEMPRE FOI ASSIM:

Veja as moradas distantes
E além do horizonte verá muito mais
Veja que os sonhos que tinha
Com sua família vai estar em paz

Quero que guarde a lembrança
Que tenha esperança e uma vida feliz
Sei que não é mais criança
E quem sonha, alcança, uma voz que me diz

Perde aquele que não tenta
E você aguenta bem mais do que vê
Lembra dos seus ancestrais
E a força deles virá até você

Sei que a cultura é de guerra
Mas sobre essas terras não quero vingança
Sangue só chama mais sangue
E eu quero a cantiga das nossas crianças

Canto por mundo livre
Longe da maldade que vem nos cercar
Canto pela minha Angola
Que é mãe que transforma essa terra em um lar

Peço que nunca se esqueça
Nem de onde veio, nem pra onde vai
Que levante após os tropeços
E bata as poeiras, que amanhã tem mais





POR ONDE ANDAR:

Filho, eu vejo os seus passos
Conheço seus laços,
são parte de mim
Quando caminha sozinho
Eu sou o caminho, começo e o fim

Vejo que o tempo passou
Mas seu coração ainda é de criança
Quero que sigas assim
Basta ter confiança

Olhe o quanto caminhou
Nunca duvidou,
nem por um segundo
Suas raízes firmaram-se
És um com seu povo,
tornou-se Ovimbundu

Guarda tua alma dos males
E nunca te esqueças,
estou contigo
Dentro da tua cabeça
Do teu coração, na forma de viver

Eu sou Mãe África, meu filho
Muito mais que um continente
Sou a cultura de um povo diverso
Sou algo que toca, vê e que sente

Enquanto o Sol fizer o dia
E a lua refletir no mar
Guarda-me junto do peito
E estaremos juntos por onde andar







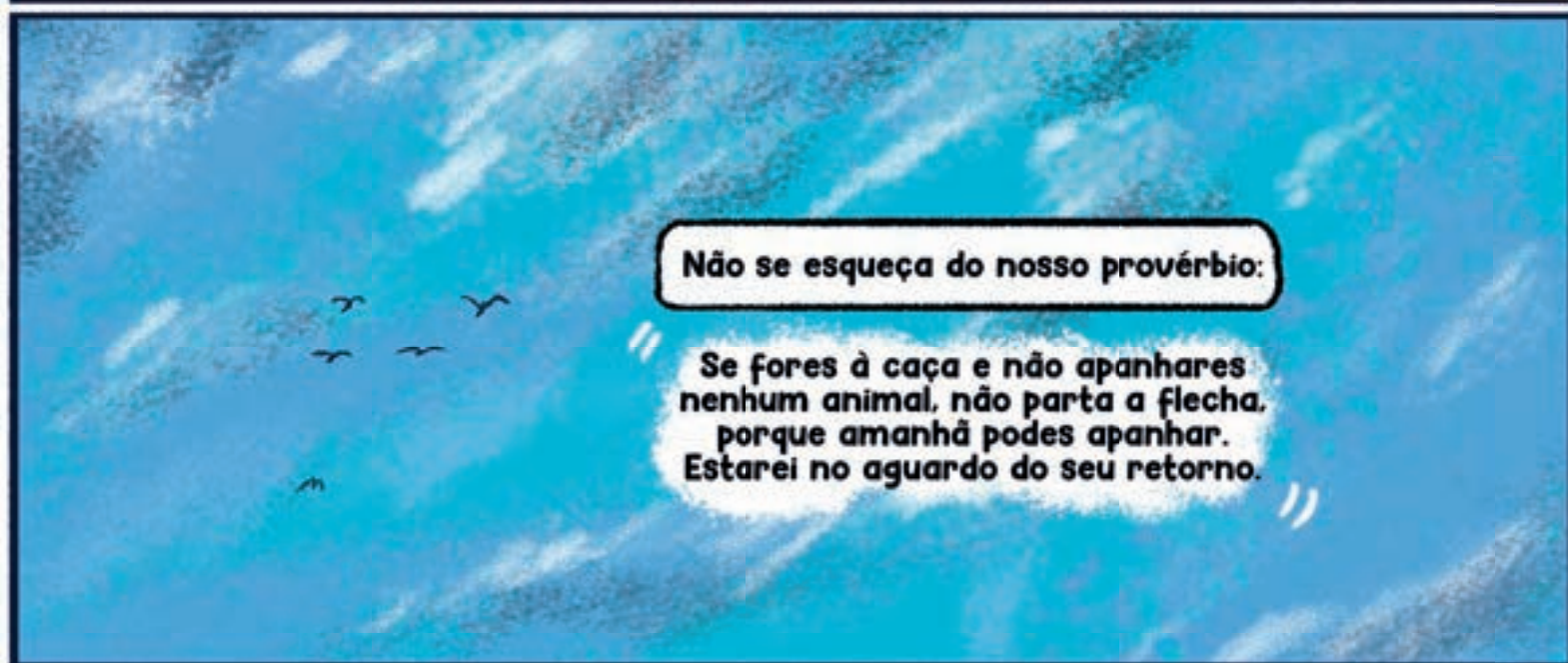
Gildo, você está curado!
Siga em frente e orgulhoso de ser um ovimbundu.
Não se esqueça que a mãe África estará sempre com você, garoto.



Caça e recompensa



Muito tempo se passou desde a minha chegada a comunidade.
Agora chegou a hora de participar da caça.

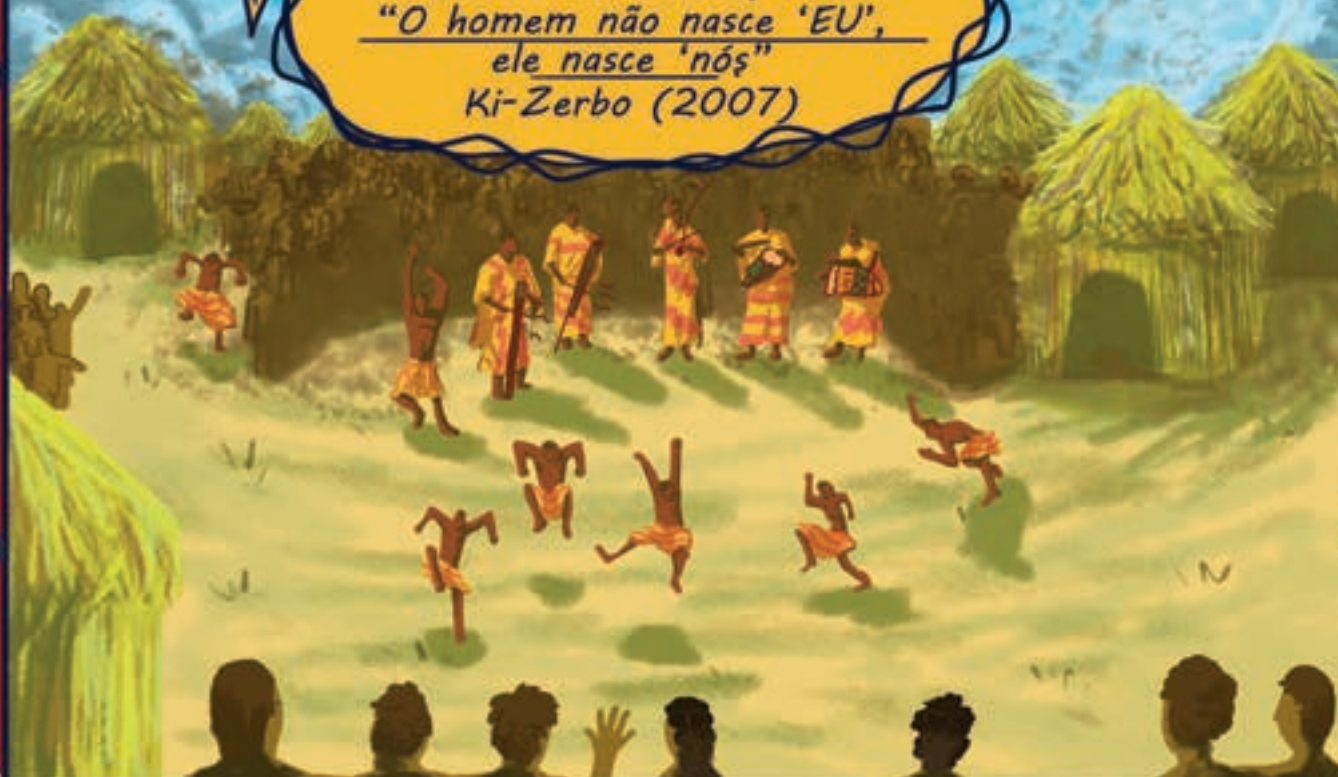








O fim da caça é celebrado com
festa em comunhão, afinal
"O homem não nasce 'EU',
ele nasce 'nós'"
Ki-Zerbo (2007)





Pedro Ducatti
Edição e diagramação



Vitor H. Cruz
Desenho e coloração



Anderson Luiz
Roteiro



João Vitor
Roteiro



Bianca da Cruz
Roteiro



Angélica Flores
Roteiro



João Paulo
Desenho base



Carolina Oliva
Direção



Cyntia Simioni
Orientação



Márcio Pereira
Orientação

NOSSAS INSPIRAÇÕES



JOSEPH KI-ZERBO



AMADOU HAMPÂTÉ BÂ



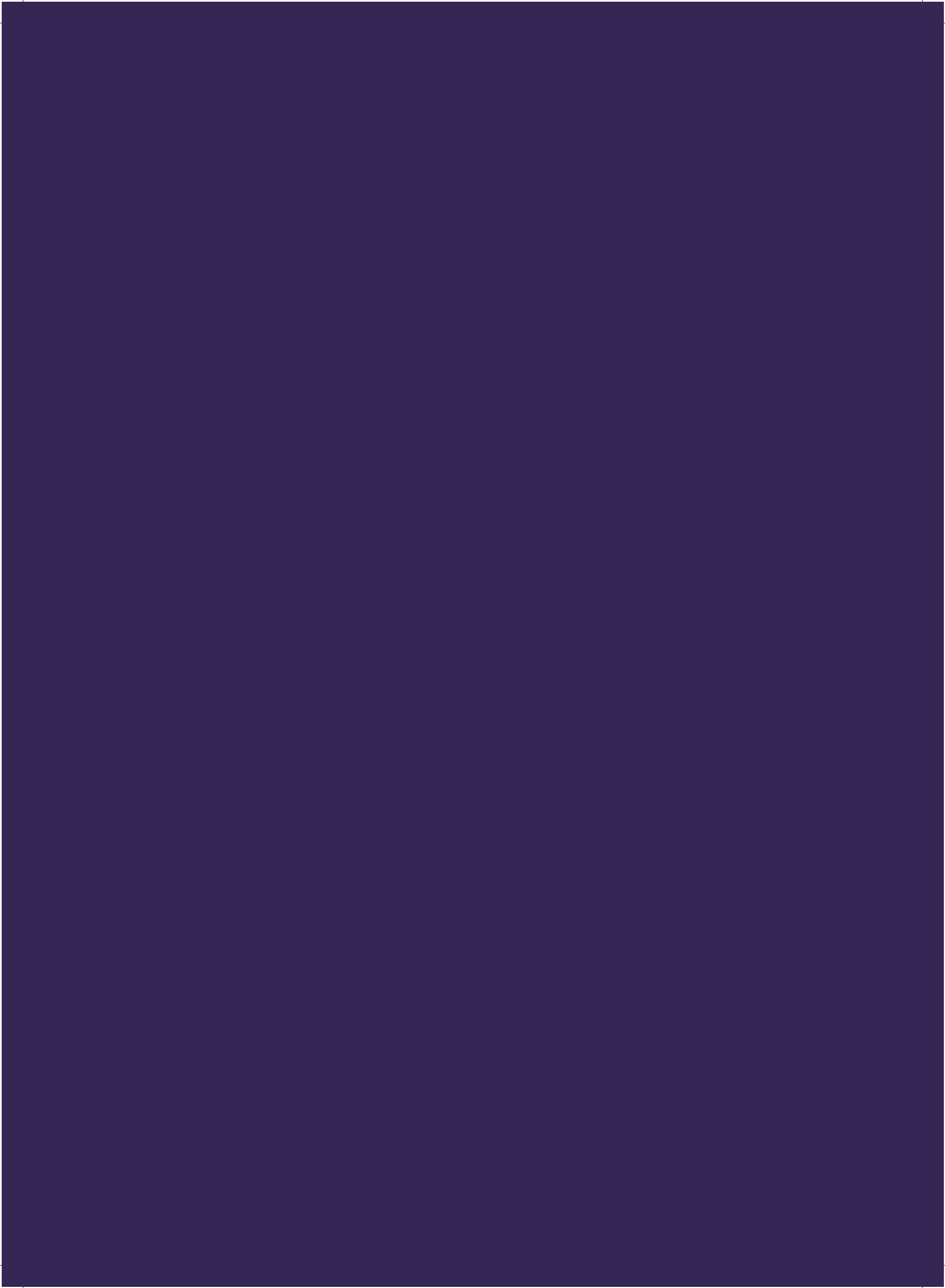
FRANTZ FANON



GILDO ADRIANO



WALTER BENJAMIN





PPGH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA PÚBLICA



UNESPAR



universidade
sem fronteiras



CAPES